

Sindicato dos estivadores prolonga greve até 2019 por tempo indeterminado

Portos
Francisco Alves Rito
SEAL prepara pré-aviso para que greve, prevista até dia 1 de Janeiro, continue. Indústria está preocupada

A greve às horas extraordinárias, apontada como último obstáculo ao acordo laboral para o Porto de Setúbal, vai continuar em 2019, assegurou o presidente do Sindicato Nacional dos Estivadores e Actividade Logística (SEAL) aos trabalhadores eventuais que estão em luta há mais de um mês.

António Mariano disse, no plenário que esta segunda-feira juntou mais de uma centena de estivadores das duas empresas de trabalho portuário de Setúbal, que o SEAL vai fazer o pré-aviso para que a greve em vigor até ao dia 1 de Janeiro seja prolongada para além dessa data e por tempo indeterminado. Esta greve, que decorre paralelamente à paralisação dos estivadores eventuais, acabou por ser um elemento apresentado como determinante para o falhanço das negociações entre o SEAL e as empresas de trabalho portuário.

No final de Novembro, com os termos do acordo praticamente fechados – com entendimento para a contratação de 56 trabalhadores –, os patrões colocaram como última condição a suspensão da greve ao trabalho extraordinário e, perante a recusa do sindicato, responsabilizaram o SEAL pela falta de entendimento. “O único obstáculo à conclusão de um acordo foi a intransigência dos representantes sindicais”, referiu na altura, em comunicado, a Operestiva, empresa de estiva de Setúbal.

A greve às horas extraordinárias, que envolve somente os trabalhadores efectivos, que no Porto de Setúbal

são cerca de 10% do total, é um protesto contra o que António Mariano diz ser a “perseguição” a filiados do SEAL nos portos de Leixões e do Caniçal (Madeira). Segundo o presidente do sindicato, estes estivadores têm sido alvo de processos disciplinares e são discriminados na remuneração mensal, inferior aos trabalhadores filiados noutros sindicatos.

Em entrevista à Antena 1 e ao *Jornal de Negócios*, no passado dia 9, a ministra do Mar fez crer que o acordo para o Porto de Setúbal estava para muito breve. “Tem havido reuniões bilaterais entre a mediação e cada uma das partes, julgo que está a evoluir bem. A próxima reunião formal e pública será, com certeza, para fechar um acordo”, garantiu Ana Paula Vitorino. No entanto, o acordo não se concretizou durante a semana, e agora surge o sindicato a prolongar a greve que bloqueou a engrenagem.

A Operestiva, empresa de trabalho portuário que tem estado no centro do conflito laboral no Porto de Setúbal, enviou entretanto uma carta

aos seus trabalhadores eventuais, a pedir que informem se continuam a querer colaborar, ou, caso contrário, que devolvam a farda.

“Gostaríamos de voltar a ter o Porto de Setúbal operacional, pelo que lhe solicitamos que nos confirme, por escrito, até ao próximo dia 14/12/2018, que podemos contar com a sua disponibilidade para o trabalho, para a próxima etapa de vida da Operestiva”, refere a missiva. Os trabalhadores, ouvidos pelo PÚBLICO, têm optado pela posição de não responderem às cartas.

A propósito desta carta, que começou a chegar ontem aos estivadores, o sindicato acusa a empresa de “insistir no assédio aos trabalhadores”. A paralisação do Porto de Setúbal dura há 38 dias e mantém a movimentação de carga totalmente nula nos quatro terminais portuários. No terminal “ro-ro”, onde são despachados os carros produzidos pela Autoeuropa, houve apenas um navio que furou o bloqueio imposto pela luta dos estivadores.



Os trabalhadores eventuais estão em luta há mais de um mês



Indústria da região teme asfixia

As grandes fábricas da península de Setúbal dizem que a paralisação do Porto de Setúbal está a asfixiar a indústria da região. Em comunicado divulgado ontem, a Associação da Indústria da Península de Setúbal (Aiset), que inclui empresas como a Autoeuropa (maior exportadora nacional), Secil, The Navigator Company e Lusosider, avisa para o risco de paragens nas fábricas.

“Estas empresas têm tido sobrecustos muito relevantes para movimentar os seus produtos por outros portos, estando algumas a entrar em situações de incumprimento contratual com clientes e a ficar fortemente condicionadas na sua capacidade de produção e armazenamento, enfrentando já situações de sério risco de abastecimento de combustíveis, matéria-prima e escoamento de produto acabado”, refere a nota assinada por Nuno Maia, director executivo da associação. A Aiset pede, assim, uma solução urgente para o problema no Porto de Setúbal.